

A NORMALIDADE E A PATOLOGIA EM OLIVER SACKS¹

Ana Lúgia Ferrari Molim²
Curso de Fonoaudiologia
Faculdades Integradas de Maringá
Centro de Ensino Superior de Maringá

NORMALITY AND PATHOLOGY IN OLIVER SACKS

¹ Trabalho produzido na disciplina de Metodologia e Técnica de Pesquisa-MTP do Curso de Fonoaudiologia das Faculdades Integradas de Maringá-Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar, ministrada pelo professor Hugo Pires-Jr.

² Discente do primeiro ano do Curso de Fonoaudiologia, turma de 2000

OLIVER W. SACKS nasceu no dia 9 de julho de 1933, na cidade de Londres. Foi educado na Escola *St. Paul's* e no Colégio *Queen's* desta cidade. Obteve seu diploma de Médico em 1958 na Universidade de Oxford. No ano de 1960, mudou-se para os Estados Unidos, fixando sua residência na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Desde 1965, ele vive em Nova York, onde é professor de Neurologia Clínica no Albert Einstein College of Medicine e Consultor Neurologista do *Bronx State Hospital*.

É membro de inúmeras Academias, como a *American Academy of Arts and Letters*, a *American Academy of Neurology*, a *Association of British Neurologists (hon.)*, a *Society of Neuroscience*, o *New York Institute for the Humanities* e outros. Foi agraciado com muitos diplomas honorários, como em 1990 *Georgetown University, Doctor of Humane Letters*; em 1991 *Tufts University, Doctor of Science*; em 1992 *Medical College of Pennsylvania, Doctor of Medical Science*; e Honras ao Mérito de diversas entidades mundiais.

SACKS é autor de mais seis obras editadas no Brasil pela Companhia das Letras e que se tornaram *best sellers*, como: *Tempo de despertar*, *Enxaqueca*, *Um antropólogo em Marte*, *A ilha dos daltônicos*, *Vendo vozes* e uma autobiografia intitulada *A leg to stand*, que são *best sellers* internacionais.

Por meio de seus relatos, Oliver SACKS conclui que, para tratar seus pacientes com enfermidades relativas ao lado direito do cérebro, deve lançar mão de um novo tipo de Neurologia, aquela descrita por Luria e denominada Neurologia *personalista* ou *romântica*. Esse tipo de abordagem leva em consideração não apenas os *déficits* na sua aceção tradicional, mas sim os distúrbios neurológicos que afetam o *eu*.

Para o autor, uma doença não é uma simples perda ou excesso, pois todo organismo tende a se adaptar para que o indivíduo possa preservar de alguma forma uma identidade, e cabe ao profissional da Saúde estudar e influenciar os meios pelos quais a pessoa se adapta para melhorar sua qualidade de vida.

Oliver SACKS deixa claro que os relatos, nesta obra são uma série de estudos de casos impossíveis de serem reabilitados totalmente com o conhecimento que se tem hoje. Ou seja, são estudos de *caos organizados* produzidos por inúmeras variedades de doenças.

A obra de SACKS está dividida em quatro partes: *Perdas*; *Excessos*; *Transportes* e *O mundo dos Simples*.

SACKS enfatiza, no início da obra, que os primeiros estudos da relação cérebro e mente ocorreram quando Broca, em 1861, realizou estudos anatômicos em pacientes que tinham afasia, após seus óbitos. Freud, no fim do mesmo século, observou que o mapeamento realizado pelos cientistas que se seguiram era demasiado simples e que, para se entender adequadamente a afasia ou

agnosia, era necessária uma nova ciência que integrasse mente e cérebro e o seu funcionamento conjunto no indivíduo.

Posteriormente Luria e outros pesquisadores cunharam, em estudos realizados, o termo *neuropsicologia*, tendo como base a ciência de cérebro/mente instituída por Sigmund Freud.

Luria observou também que as síndromes do lado direito do cérebro são muito mais complexas do que as do lado esquerdo do cérebro, porque os efeitos da primeira são muito menos distintos, impossibilitando, algumas vezes, o próprio paciente de ter consciência de seu problema. Requeriam, portanto, um novo tipo de Neurologia, que relatasse de maneira pormenorizada cada caso, revelando as bases físicas do *eu*, dando acesso a histórias nunca antes imaginadas, propiciando uma Neurologia aberta e mais abrangente (Ciência Personalista).

Os distúrbios neurológicos que afetam o *eu* podem ser de vários tipos, originando-se tanto em perdas quanto em excessos, levando o organismo doente a uma reação de adaptação mental numa luta para preservar sua identidade. Para o autor, os meios utilizados nessa adaptação, assim como os danos primários do sistema nervoso, devem ser prioridade para o profissional que trata desses pacientes.

Nesta obra, o autor preocupa-se em relatar várias histórias clínicas, demonstrando que dentro de um *caos organizado*, pode-se melhorar a qualidade de vida do paciente mesmo que não se chegue à cura.

Na primeira parte, *Perdas*, o autor destaca que um dos principais axiomas da neurologia clássica é quebrado, pois no caso mais importante relatado por ele nesta obra, o paciente sofria de uma forma especial de agnosia visual (*O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*) em que houve perda total do emocional, do concreto, do pessoal, reduzindo o dr. P ao abstrato, ao categórico, diferentemente do que prega a neurologia clássica em que qualquer dano cerebral diminui ou remove a atitude abstrata e categórica, reduzindo o indivíduo ao emocional e ao concreto.

Na segunda seção, *Excessos*, o autor sugere que, para que se possa estudar as doenças do excesso, tem-se de utilizar uma neurologia da ação, explorando a *vida da mente* cuja memória e a gnose são intrinsecamente ativas.

O excesso ou intensificação de uma função leva a estados *hiper* que podem tornar-se monstruosos, proporcionando arrebatamentos violentos. No excesso, a sensação de bem-estar e harmonia é substituída por aflição e tormento. Muitos pacientes conseguem perceber o abismo que se assoma em seus estados de êxtase, quando seu *eu* se alinha cada vez mais com a doença, tornando-se parte dela.

Pacientes com egos fortes e síndromes relativamente brandas, como no relato de *Witty ticcy Ray* percebem a armadilha do excesso e não se

deixam dominar totalmente, mas pacientes com egos mais fracos e síndromes mais intensas podem ter seu *eu* completamente alinhado com a doença, passando a ser apenas um produto dela.

A ironia das enfermidades do excesso fascina o autor que já as mencionou nas obras *Enxaqueca e Tempo de despertar*.

Na terceira seção, *Transportes*, o autor se refere às alterações que freqüentemente são consideradas psíquicas, não sendo geralmente tratadas por neurologistas ou médicos, mas levadas para psicanalistas e religiosos, por serem vistas como psicoses ou revelações religiosas. Estas alterações são chamadas reminiscências ou transportes.

Os casos descritos nesta seção demonstram o poder das imagens mentais e da memória para se provocarem reminiscências ou transportes em indivíduos que recebem estimulação anormal nos lobos temporais e no sistema límbico do cérebro. Em *Transporte para a Índia*, a paciente, acometida por um tumor cerebral que afetava seu lobo temporal, tem a sensação de *voltar*. Em *Cão sob a pele*, o jovem estudante de medicina, usuário de drogas, apresenta uma estranha hiperosmia. Como o autor observou, diversos distúrbios orgânicos, além da epilepsia, podem provocar reminiscências forçadas.

E na última seção denominada, *O mundo dos simples*, o autor enfatiza a capacidade dos deficientes mentais construírem seu mundo, baseados apenas no concreto, sem nunca conhecer o abstrato, sempre vivenciando a realidade diretamente, sem intermediários.

O concreto pode constituir o portal para a sensibilidade, a imaginação, a intensidade; ou pode restringir o possuidor a detalhes insignificantes. Estes dois potenciais são encontrados nos deficientes mentais, de modo amplificado.

Se adequadamente desenvolvida, a capacidade de *concretude* dos deficientes mentais pode torná-los aptos a desenvolver talentos que os tornam *normais* em suas capacidades de apreensão concreta e simbólica, transformando-os em talentos simplórios como os gêmeos, com sua capacidade de calcular números primos.

O método de abordagem utilizado pelo autor é o dedutivo, pois emprega um processo de raciocínio que parte da causa para os efeitos, do princípio para as conseqüências, do geral para o particular. O procedimento que predomina na obra é o funcionalismo, ou seja, o autor observou a adaptação da forma à função, isto é, a adaptação do organismo doente ao seu ambiente, questionando e refletindo continuamente sobre o doente e sua doença, para a qual está totalmente voltado. O autor utiliza-se de uma nova abordagem descritiva, transformando estudos clínicos em peças literárias, utilizando, para isso, de procedimentos usuais como técnicas de observação, prontuários médicos, histórias de vida e consultas realizadas com seus pacientes.

O autor intitula-se igualmente naturalista e médico, interessando-se tanto por doenças quanto por pessoas. Um teórico e um dramaturgo, atraído pelo científico e pelo romântico, voltando-se totalmente para seus doentes. Remete-nos às teorias Freudianas em seus ensaios, pois acolhe, a todo o momento, o novo, o inesperado, que irrompe em cada testemunho do drama particular de seus pacientes. É, portanto, antes de tudo, um Humanista.

Por meio desta excelente obra, Oliver SACKS, leva os leitores a se questionarem sobre o verdadeiro papel daqueles que trabalham com *peessoas especiais*, mostrando-lhes que, para se obter algum resultado e conseqüente melhora da qualidade de vida destes pacientes é preciso que, antes de tudo, sejam humanistas convictos, priorizando que mente e físico não se dissociam, e, portanto, não podem ser tratados individualmente.

A obra *O homem que confundiu...* é extremamente original, contribuindo amplamente para que estudiosos de áreas inter-relacionadas passem a perceber o paciente como um ser individualizado, que deve ser tratado como um todo e não em partes ou de maneira estritamente técnica.

Em todos os relatos, o autor demonstra a necessidade da interação médico-paciente, permitindo ao leitor perceber que o mais importante no tratamento é o indivíduo, não a doença. Portanto, se não há cura, há pelo menos *remédio*. Para o profissional de Fonoaudiologia, entender esta linha de pensamento é de suma importância para que se obtenham resultados satisfatórios com seus pacientes.

Os casos clínicos são apresentados num estilo claro e simples, permitindo que mesmo as pessoas que estejam em formação acadêmica possam desfrutar das principais idéias do autor.

A obra é dirigida para todos os que se interessam por indivíduos com alterações neurológicas, como profissionais da Psicologia; Terapeutas Ocupacionais; Neurologistas; Fonoaudiólogos; Fisioterapeutas; Psiquiatras e até mesmo Anatomistas, pois defende um modo extremamente humanista de lidar com estes pacientes. Esta obra pode ser utilizada em cursos de graduação e pós-graduação, já que possui uma narrativa clara e rica em detalhes. Todos os cursos da área de Saúde devem e podem usufruir desta excelente obra.

Obra

SACKS, Oliver W. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 264p. il. 14x21cm. R\$24,00.